

Relações de gênero na docência: as representações sociais do magistério no cinema

Gender relations in teaching: the social representations of the magisterium in the cinema

Las relaciones de género en la enseñanza: las representaciones sociales del magisterio en el cine

Eduardo Felipe Hennerich Pacheco
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
eduardo.pva@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1498-2351>

Sirley Terezinha Filipak
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
sirley.filipak@pucpr.br
<https://orcid.org/0000-0003-4264-1626>

Alboni M. D. P. Vieira
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
alboni@alboni.com
<https://orcid.org/0000-0003-3759-0377>

RESUMO

O artigo reflete acerca da representação social do(a) professor(a) no cinema, analisando sua influência na construção identitária e, por consequência, sua prática docente. A pesquisa teve caráter bibliográfico e documental, com análise dos filmes “Ao Mestre com Carinho” (1967), “Professora sem Classe” (2011), “Larry Crowne – O Amor está de Volta” (2011), “O Milagre de Anne Sullivan” (1962), “Meu Mestre Minha Vida” (1989), “Mr. Holland – Adorável Professor” (1995) e “Escritores da Liberdade” (2007). Como resultado, foi apontada a importância que questões como gênero e sexualidade assumem nas representações do magistério, bem como a aposta que a indústria cinematográfica faz,

empregando fórmulas conhecidas e de sucesso com o público, para representar os docentes, o que conduz à criação de uma imagem coletiva do que é ser professor.

Palavras-chave: Cinema. Gênero e sexualidade. Prática Docente. Representação social.

ABSTRACT

The article reflects about the social representation of the teacher in the cinema, analyzing his influence on the identity construction and, consequently, his teaching practice. The research had a bibliographic and documentary character, with analysis of the films "To Sir, with Love" (1967), "Bad Teacher" (2011), "Larry Crowne" (2011), "The Miracle Worker" (1962), "Lean on Me" (1989), "Mr. Holland Opus" (1995) and "Freedom Writers" (2007). As a result, it was pointed out the importance that issues such as gender and sexuality assume in the representations of the teaching profession, as well as the bet that the film industry makes, using known and successful formulas with the public, to represent the teachers, which leads to the creation of a collective image of what it is to be a teacher.

Keywords: Cinema. Gender and sexuality. Social representation. Teaching practice.

RESUMEN

El artículo reflexiona sobre la representación social del profesor en el cine, analizando su influencia en la construcción de la identidad y, en consecuencia, su práctica docente. La investigación tuvo un carácter bibliográfico y documental, con análisis de las películas "Al maestro con cariño" (1967), "Malas enseñanzas" (2011), "Larry Crowne - nunca es tarde" (2011), "El milagro de Anne Sullivan" (1962), "Escuela de rebeldes" (1989), "Mr. Holland's Opus" (1995) y "Diarios de la calle" (2007). Como resultado, se señaló la importancia que los temas como el género y la sexualidad asumen en las representaciones de la profesión docente, así como la apuesta que hace la industria del cine, utilizando fórmulas conocidas y exitosas con el público, para representar a los maestros, lo que lleva a la creación de Una imagen colectiva de lo que es ser maestro.

Palabras clave: Cine. Género y sexualidad. Práctica docente. Representación social.

Introdução

O presente artigo tem como tema de investigação a representação social do(a) professor(a) no cinema. O estudo se justifica por sua atualidade e relevância em termos de compreender o papel social que o(a) professor(a) ocupa no cinema, visto que este é uma das formas mais populares da arte e, portanto, que possui o maior alcance, em termos de número de pessoas que o "consomem".

O problema que orienta a reflexão procura elucidar como o(a) professor(a) é representado no cinema e de que forma isso influencia sua construção identitária e, por consequência, sua prática docente. O objetivo do trabalho é fazer uma análise de

diferentes filmes que trabalham a temática dos profissionais da educação e como essas imagens criadas pela mise en scène cinematográfica interferem na representação social da profissão.

A análise da questão proposta se apoia nos argumentos teóricos da pesquisa bibliográfica, em especial Placco, Villas-Bôas e Souza (2012), Moscovici (2010), Padial (2010), Jesus (2009), Dubar (1997), Dalton (2004), Hall (1992), entre outros. Conforme lembra Santos (2000, p. 31), a bibliografia

[...] constitui-se numa preciosa fonte de informações, com dados já organizados e analisados. Na atualidade, praticamente qualquer necessidade humana, conhecida ou pressentida, possui algo escrito a seu respeito. Por isso a pesquisa com base em uma bibliografia deve encabeçar qualquer processo de busca científica que se inicie.

O estudo utiliza, também, a pesquisa documental, com análise de filmes tais como: “Ao Mestre com Carinho” (To Sir, With Love, 1967), “Professora sem Classe” (Bad Teacher, 2011), “Larry Crowne – O Amor está de Volta” (Larry Crowne, 2011), “O Milagre de Anne Sullivan” (The Miracle Worker, 1962), “Meu Mestre Minha Vida” (Lean On Me, 1989), “Mr. Holland – Adorável Professor” (Mr. Holland's Opus, 1995) e “Escritores da Liberdade” (Freedom Writers, 2007).

Escolhe-se o cinema para refletir acerca do papel que o mesmo ocupa na construção identitária da profissão docente, justamente devido às telas cinematográficas terem uma tendência de imitar, modificar e exagerar fatos cotidianos da realidade. Para Turner (1997 p. 128-129),

O cinema não reflete nem registra a realidade; como qualquer outro meio de representação, ele constrói e ‘re-apresenta’ seus quadros da realidade por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação. Assim como o cinema atua sobre os sistemas de significado da cultura – para renová-los, reproduzi-los ou analisá-los-, também é produzido por esses sistemas de significado.

Nessa perspectiva, as representações sociais são entendidas por Moscovici (2010, p. 37), como sendo imagens, ideias, conceitos que explicam a realidade que,

[...] são impostas sobre nós, transmitidas e são produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no desuso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os

sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro mesmo das descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que invariavelmente reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

Na mesma concepção que Moscovici (2010), Chaves e Silva (2011, p. 348) comentam que “a teoria das representações sociais oferece um excelente suporte às investigações na medida em que pauta a sua investigação a partir do conhecimento do sujeito ou grupo estudado, e como esse conhecimento orienta as suas práticas cotidianas”. Além disso, como sistemas de interpretação, as representações sociais

[...] orientam e organizam as comunicações e comportamentos sociais, pois determinam nossa relação com o mundo e com os outros. E, desse modo, intervêm em diversos processos, tais como no desenvolvimento individual e coletivo, na difusão e assimilação de conhecimentos, bem como na definição de identidades pessoais e sociais, na manifestação dos grupos e nas transformações sociais (SOUZA; SILVA; SANTOS, 2017, p. 521).

A imposição realizada pelas representações sociais afeta todos os níveis da sociedade e, dessa maneira, todas as profissões são bombardeadas por modelos “certos” de ser. Com o magistério, isso não é diferente.

O(a) professor(a), enquanto sujeito social, ocupa um espaço não apenas físico na sociedade, mas também um lugar no imaginário social da população. A partir dessa informação, tentando compreender a representação social e a identidade que o(a) professor(a) ocupa no imaginário coletivo, foram selecionados alguns filmes clássicos que retratam a identidade e a profissão professor(a). Como afirmam Placco, Villas Bôas e Sousa (2012, p. 26),

[...] as representações sociais agem ativamente na formação identitária, tonando-se marcas identitárias na identificação do grupo e dos sujeitos. Assim, as representações sociais nos permitem identificar quais aspectos comuns da formação identitária de professor os distinguem e aproximam profissionalmente.

Na mesma linha de raciocínio, Dalton (1996, apud RODRIGUES, 2012, p. 15), discorrendo acerca das representações dos(as) professores(as) no cinema comenta que elas são efetivadas a partir de

[...] três valores consistentes com 'bons' professores ou 'boas' professoras nos filmes: valores estéticos (a atividade educacional vista como tendo significados simbólicos e estéticos); valores políticos (o poder e o prestígio são buscados como fins e não como meios para uma ação responsável e criativa); e valores éticos (exige que a relação humana entre estudante e professor, seja a mais importante, e o conteúdo seja o encontro do ser humano).

Dessa maneira, o artigo se organiza da seguinte maneira: primeiramente, trabalha-se a questão da construção identitária do(a) professor(a) e a respectiva influência em sua prática docente. Em seguida, analisa-se a identidade do professor nos filmes escolhidos e como isso interfere na representação que a profissão assume na sociedade; conjuntamente, será tratada a problemática de gênero e sua representatividade na docência.

A pesquisa é de cunho qualitativo com a utilização do aporte teórico da teoria das Representações Sociais. A técnica de análise de dados aplicada foi a análise de semelhanças que “tem por objectivo explicitar uma organização relacional e identificar agrupamentos num conjunto de dados” (PEREIRA, 1997, p. 53).

Por fim, nas considerações finais, retoma-se a problemática inicial, discutindo os resultados na sua vinculação com outras problemáticas observadas. A partir dessa ótica, pretende-se analisar a intrínseca relação entre a construção identitária dos(as) professores(as) e suas práticas docentes causadas, principalmente, pelas representações sociais do que é ser um(a) professor(a).

Construção identitária e prática docente

A construção identitária profissional do(a) professor(a) e a sua prática docente estão intimamente relacionadas. Ambas são resultantes da trajetória formativa acadêmica e da história de vida docente, bem como da influência das representações sociais que assumem um papel determinante na constituição identitária do(a) professor(a). Dessa maneira, a identidade docente, “[...] não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 1997, p. 105).

Esse processo de construção identitária relacional e dinâmica faz com que os indivíduos se posicionem em um movimento de captura, adesão e incorporação daquilo que outrem lhe atribui. E, com isso,

[...] há um movimento de adesão ou incorporação daquilo que é atribuído pelos outros, um reconhecimento de si mesmo nas atribuições que lhe são feitas, de modo que a marca identitária do grupo que faz a atribuição possibilite sua diferenciação em relação a outros grupos (PLACCO; VILLAS BÔAS; SOUSA, 2012, p. 20).

O(a) professor(a) como sujeito social, e por isso constantemente observado por suas práticas dentro e fora do âmbito escolar, está em constante identificação e comparação com as “ditas” representações sociais que lhe cabem. Dubar (1997, 2006) traz à tona essas questões, quando se refere aos processos de identificações e negociações que os profissionais da educação e as instituições escolares realizam, e como essa prática influencia significativamente nas práticas docentes.

A caracterização simbólica e interpretativa das ideias que as representações sociais evidenciam torna possível se pensar na relação íntima de atribuição e pertença que o cinema, com seus filmes estereotipados, causa na identidade docente e nas suas práticas. Essa representação social e identitária, porém, é sempre repleta das influências históricas do momento, e, dessa maneira, a identidade do(a) professor(a),

[...] torna-se uma ‘celebração móvel’: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente (HALL, 1992, p. 12).

Dessa maneira, a forma como o(a) professor(a) é percebido(a), representado(a) e imbuído(a) de certas características, é determinada pelo momento histórico e cultural vivenciado pela sociedade. Por essa razão, é interessante analisar como se constrói a identidade docente no cinema e como essa representação influencia na prática docente, visto que o mesmo também se institui como um mecanismo de fabricação de identidades que se organiza por intermédio de “práticas reguladoras que geram identidades” [que devam ser] “coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes” (BUTLER, 2018, p. 44).

A identidade docente nas análises dos filmes

A identidade pessoal e profissional é sempre relacional e marcada pela diferença em relação ao outro. A formação identitária é construída tanto no nível social quanto simbólico. Para Woodward (2014, p. 33) “toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido as nossas próprias posições”.

Dessa maneira, a construção da identidade e sua relação com a diferença está estreitamente relacionada com as relações de poder na sociedade. E isso é tão visível que, para Silva (2014), não há construção identitária sem a marcação da diferença (em níveis sociais e simbólicos) e sua inevitável exclusão. Segundo o teórico,

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles” não são aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2014, p. 82).

Na *mise en scène* cinematográfica, essa marcação identitária aparece de forma mais explícita que na sociedade, e isso talvez ocorra porque a arte imita a vida de forma mais explícita que a naturalização que os eventos assumem na realidade. Os discursos evocados, construídos e reconstruídos pelo cinema tendem a prender e cristalizar a identidade por meio da representação da mesma, utilizando inúmeros recursos nem sempre perceptíveis. A linguagem utilizada, seguramente apresenta-se muito eficaz nessa estrutura, de tal forma que “[...] a comunicação é o vetor de transmissão da linguagem, portadora em si mesma de representações” [e, diretamente e/ou indiretamente,] “[...] incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, à medida que engaja

processos de interação social, influência, consenso ou dissenso e polêmica” (JODELET, 2001, p. 32).

Silva (2014) apoiando-se nos argumentos pós-estruturalistas da chamada “filosofia da diferença” sugere que o simbolismo evocado pelas representações sociais não só modela como tende a fixar as identidades e as diferenças. Para o autor,

[...] a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’ (SILVA, 2014, p. 91).

Por isso, a análise cinematográfica é tão útil para compreendermos como a representação social dos profissionais da educação tende a fixar as identidades, tendem a incluir estereótipos considerados “adequados” e excluir exemplos considerados impróprios para essa profissão, e assim, essas “imagens quebradas” (ARROYO, 2009), que estabelecem padrões de “normalidade” impossível de se efetivarem na realidade, demonstram que “[...] onde o signo se encontra, encontra-se o ideológico [...]” [e que,] “[...] tudo o que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, 2004, p. 32).

O primeiro filme que analisaremos é o longa-metragem britânico “Ao Mestre com Carinho” (*To Sir, with Love*) de 1967. Nele encontramos a figura de Mark Thackeray, um engenheiro eletrônico desempregado que, enquanto não encontra atuação em sua área, vê na docência uma maneira de se sustentar.

A escola em que Thackeray leciona é nitidamente abandonada por sua gestão, além de ser formada por alunos que foram rejeitados pelas demais escolas e que possuem uma condição familiar delicada. O êxito ou o fracasso desses alunos depende exclusivamente do mérito do professor, pois, “quando as instituições falham” [as vidas precarizadas] “ficam ameaçadas de ‘não ser’ ou de formas de morte social” (BUTLER, 2013, p. 4).

Nesse filme, o fato de que ser professor não é algo almejado pelo protagonista, mesmo tendo obtido sucesso em sua jornada, bem como a não formação pedagógica, aliada ao caráter “passageiro” da profissão, fazem com que o imaginário que se tenha da profissão docente seja o de que qualquer um possa ser professor, independentemente da

formação que tenha ou que possua o famoso “notório saber”¹. Afinal, o cinema tende a reproduzir “[...] os conceitos, preconceitos e representações existentes com relação à profissão docente e como estas comporta dentro de si as referências da sociedade em que está inserida” (PADIAL, 2010, p. 56).

Essa situação que o filme traz evoca a problemática que a carreira docente é uma carreira “quebra-galho”, uma carreira que os indivíduos podem escolher quando estão sem opções. Para Xavier (1977, p. 14) a imagem evocada do(a) professor(a) pelo cinema tem a intenção de ser “uma experiência visual que representa o real” (XAVIER, 1977, p. 14) pois para o autor, a construção social dos personagens no cinema “baseia-se originalmente na ideia de imitação de objeto ou pessoa real, sem, contudo, sustentar a pretensão de substituir o real”.

Essa mesma análise pode ser realizada no longa-metragem “Professora sem Classe” (*Bad Teacher*, 2011) interpretada pela personagem de Elizabeth Halsey, que, não obtendo sucesso com um golpe de casamento milionário, vê-se obrigada a retomar a sua antiga profissão de professora, pois isso representava para ela “poucas horas, férias no verão, e autonomia”. O filme retrata, em todas as suas cenas, o que uma professora desinteressada pela profissão não deve fazer em sala de aula e nem fora dela. As aulas de Halsey consistem em passar filmes aleatórios, enquanto, no escuro da sala de aula, ela tira seus cochilos.

Mesmo quando se esforça para que os alunos aprendam (pelos motivos errados, obviamente), com seus métodos de ensino e sua didática, que beiram à loucura, faz com que a instituição escola seja questionada quanto ao papel social desempenhado e sua real intenção de existir, pois como nos recorda a personagem, “a escola é um lugar em que ninguém quer estar, nem os alunos e nem os professores”. Sanches (2012) analisando a representação social, que a escola evidencia no cinema, destaca que o que prevalece nesse cenário é “a imaginação destituída de razão, estabelecendo ideias fantasiosas acerca da

¹ O notório saber caracteriza-se como a habilidade de um indivíduo em realizar determinada tarefa, função e/ou profissão sem uma formação específica na área em que irá desenvolver tal exercício. No magistério, essa expressão tende a referir-se à prática do exercício docente sem necessariamente possuir uma formação em nível superior que licencie para a atuação no magistério. Esse termo voltou à discussão na atualidade, depois da implementação da Medida Provisória n.º 746 de 2016, que se transformou na Lei Ordinária n.º 13.415 de 2017, que prevê no seu artigo 61, inciso IV, a legalização do exercício do magistério, sem a formação superior específica na área, desde que o interessado apresente “notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino” (BRASIL, 2017).

educação, em oposição à idealidade que permite o discernimento entre o imaginário e o real” (SANCHES, 2012, p. 175).

Em “Larry Crowne – o amor está de volta” (*Larry Crowne*, 2001), uma das personagens principais é a professora universitária insatisfeita, Mercedes Tainot. Tainot é uma jovem professora universitária que tem problemas com o esposo desempregado e desconta suas frustrações nos alunos e no álcool. Ser professora é um fardo para Mercedes, o que faz com que ela recorra a métodos tradicionais de ensino, não se importando com o real interesse de aprendizado dos alunos.

Na abordagem tradicional de Tainot, o aluno é considerado um “adulto em miniatura”, que precisa ser atualizado e que apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores. É considerado como ser receptivo e passivo, devendo obedecer sem questionar. O ensino, em todas as suas formas, nessa abordagem, será centrado no professor, para o qual, independentemente de o aluno manifestar interesse ou vontade, o conhecimento será transmitido.

Em uma análise completamente diferente, encontra-se “O Milagre de Anne Sullivan” (*The Miracle Worker*, 1962), que retrata a personagem de uma persistente professora, moralmente correta, assexuada e principalmente adequada ao seu gênero (feminino e submisso), que tenta de todas as maneiras ajudar a personagem de Hellen Keller, cega e surda de nascença, a compreender o mundo que a rodeia. Apesar da resistência dos pais de Hellen e da própria aluna, Anne, por meio de métodos considerados avançados, consegue ajudar não apenas Hellen, mas toda a família.

A não sexualidade de Anne faz com que outro fator significativo venha à tona: a assexualidade docente. Padiál (2010), apoiada nas discussões de Theodor W. Adorno, corrobora essa análise quando comenta que,

A profissão é relacionada também com a castração, isto é, o professor, como um ser sem função erótica, sem vida própria, vivendo entre os muros da escola, se isolando da sociedade; alguém que trafega entre o mundo adulto e o infantil, sem fazer parte de qualquer um deles completamente (PADIAL, 2010, p. 16).

A figura do docente assexuado, herói e transformador é muito clara nessa análise, “a ideia de sacrifício e enfrentamento de dificuldades, [...] com responsabilidades, parece marcar a constituição identitária” (PLACCO; VILLAS BÔAS; SOUSA, 2012, p. 38), do papel que o(a) professor(a) deve assumir

Dessa maneira, lidando com preconceitos e limitações, Anne consegue realizar seus objetivos. E isso demonstra claramente o fato de que se há ou não sucesso na realização desses objetivos, somente o professor é o culpado. A família, a escola e a sociedade se isentam dos compromissos com a educação.

Outra imagem de docente herói, que consegue cumprir sua missão, é a do personagem de Joe Clark no filme “Meu Mestre Minha Vida” (*Lean on Me*, 1989). Clark retorna ao antigo colégio, do qual havia sido demitido como docente, para assumir a direção. Com um perfil rígido e pouco ortodoxo, Clark consegue pôr na linha a instituição que até então havia sido abandonada pelos demais colegas e encontrava-se nas mãos de gangues locais. A imagem do professor herói e salvador traz alívio para a sociedade e o Estado, pois, afinal, se os filhos da pátria não obtiverem sucesso na vida, os professores e professoras não cumpriram sua missão.

O bom professor no cinema nunca é o personagem perfeito, mas é aquele que se preocupa com a formação integral dos alunos. A figura do personagem de Glen Holland, em “Mr. Holland – Adorável Professor” (*Mr. Holland’ Opus*, 1995) é um perfeito exemplo para ilustrar essa representação. Com métodos alternativos, Mr. Holland se envolve de tal maneira com seus alunos, que abandona seu sonho de se tornar compositor. Dalton (2004, p. 33), comentando acerca da imagem do bom professor evocado no cinema, revela que “o essencial é que os bons professores assumem esses riscos, sempre sobre eventos relativamente sem importância, para provar que eles se preocupam com seus alunos”.

Jesus (2009, p. 65), discorrendo sobre o imaginário coletivo do “bom professor”, revela que “[...] para homens e mulheres, o magistério esteve sempre associado ao sacerdócio”, que cumpre uma missão do amor. Em contrapartida, os maus professores são representados “como homens descorados que zunem sem misericórdia em abstrações sobre assuntos que os estudantes acham aborrecidos” (DALTON, 2004, p.63).

Geralmente, o mau professor é aquele que é temido pela dominação que exerce, em nenhuma hipótese se desvia do currículo estipulado pela instituição de ensino e a inovação de métodos não constitui sua preocupação. Quase sempre é frustrado com sua profissão e o processo de ensino e aprendizagem é retratado normalmente em provas e notas. Em “Escritores da Liberdade” (*Freedom Writers*, 2007), a personagem da professora Margaret Campbell é um perfeito modelo para ilustrar essa representação. Sempre seguindo os métodos propostos pela instituição escolar é veementemente contra os métodos inovadores da professora Erin Gruwell.

A representação social da identidade e da prática docente proporcionada pelo cinema faz com que esse produto seja consumido pela sociedade sem que haja uma atitude crítica. Essa problemática já foi observada pelos integrantes da Escola de Frankfurt, com destaque a Walter Benjamin, Adorno e Horkheimer, em sua crítica à indústria cultural e à standardização capitalista, uma vez que ao representar socialmente o papel que o/a professor(a) deva desempenhar “acabam por representar os conceitos e valores culturais da sociedade que os produz” (PADIAL, 2010, p. 18).

Para o filósofo e sociólogo Adorno (2006), a imagem da profissão docente foi formada e rodeada por tabus identitários. As representações pré-conscientes ou inconscientes acerca da docência fizeram com que, “conforme a percepção vigente, o professor, embora sendo um acadêmico, não seria socialmente capaz” (ADORNO, 2006, p. 99) e o cinema faz com que essa imagem do que é ser docente seja constantemente reforçada, pois, como sugere Moscovici, (2010, p. 34), “[...] quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser compreendido, nem decodificado”.

Além dos estereótipos de docentes e alunos, os filmes também representam socialmente as instituições escolares. Nessa perspectiva, Padial (2010, p. 79), comentando sobre as características das instituições escolares, ressalta que,

As instituições escolares apresentadas nos filmes se caracterizam por serem tradicionais, conservadoras e elitistas, são um meio para que as classes mais altas da sociedade [...] garantam que seus filhos e filhas estarão aptos a integrar na sociedade vigente, uma vez que a escola reproduz dentro do seu mundo limitado por muros o que está ocorrendo do lado de fora, ao mesmo tempo que torna essa experiência segura, pois trata-se de um ambiente que possui suas próprias regras e códigos de conduta separados do universo adulto [...].privilegiam a entrada em seus quadros de ex-alunos, o que providencia que suas tradições sejam mantidas e, graças a isso, as relações dos protagonistas com as instituições são diferenciadas, ao menos no início.

Dessa maneira, a representação social da educação é posta em questão por sua contradição. As instituições escolares representadas no cinema gozam de prestígio e excelência, e a educação é sempre vista como possibilidade de ascensão social, seja para conseguir uma excelente vaga na universidade, como no filme “Sociedade dos Poetas

Mortos” (*Dead Poets Society*, 1989), ou um bom casamento como em “O sorriso de Mona Lisa” (*Mona Lisa Smile*, 2003).

Assim, o cinema cartografa imagens a serem almeçadas. Os profissionais da educação representados nos filmes são personagens que se apresentam ao público como portadores de padrões desejáveis ou não de serem imitados na realidade. Dessa maneira, o conceito de representação social que é definido como sendo um “[...] conjunto de valores, ideias e práticas” [e que possui múltiplas funções de] “estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo” [e, de] “possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade” (MOSCOVICI, 2010, p. 212) cumpre sua função, e o cinema apresenta-se como uma poderosa instituição reguladora e normativa que institui identidades e performances de gênero .

Relações de gênero e a representatividade docente

Introduzido na literatura a partir década de 1970 pelos estudos e escritos dos grupos de feministas anglo-saxãs e estadunidenses o conceito de gênero como categoria de pesquisa histórica e social é algo recente nas análises culturais. Para Pedro (2005, p. 78), “o uso da palavra gênero, [...], tem uma história que é tributária de movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas. Tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito”.

Em suas análises, esses estudos ampliaram os conceitos de sexualidade e as representações sociais dos conceitos do ser masculino e do ser feminino. Distanciando-se das compreensões biologizantes e partindo de compreensões culturais evidenciaram que os conceitos de masculinidade e feminilidade estavam muito mais relacionados com questões culturais/históricas que biológicas (SCOTT, 1995).

Além disso, o termo gênero possibilitou uma relação analítica do vocabulário, introduzindo uma noção relacional entre os conceitos de masculino e de feminino, e não apenas evidenciando o feminino (SCOTT, 1995; LOURO, 2012).

Essa nova categoria de análise se mostrou uma categoria de análise útil para a compreensão de como se dá as relações interpessoais, bem como, o papel do gênero na

construção subjetiva, identitária e profissional de diversas áreas da sociedade, inclusive na profissão professor(a).

Tradicionalmente, o magistério é visto como uma profissão de pouco prestígio social e nesse processo “o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos (MOSCOVICI, 2001, p. 49). Isso é percebido, quando, ao se falar da identidade docente ou das práticas pedagógicas que são caracterizadas pelas representações sociais, a questão de fundo de maior importância é a questão de gênero.

Do ponto de vista histórico, a profissão professor foi segregada do hall das “profissões de ouro” e, no cinema, como observado, não foi diferente. Catani et al. (1997, p. 28-29) recorda que

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia — procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres.

De profissão majoritariamente masculina, o magistério passou a ser uma profissão com predominância feminina pois

[...] o professor sempre foi associado à autoridade no conhecimento, enquanto a professora sempre foi – e ainda é – vinculada ao apoio e a cuidados dirigidos aos alunos. Essas associações correspondem e se ajustam ao predomínio dos homens nos níveis mais altos e especializados da educação, nos quais o trabalho, em boa medida, está dirigido para a orientação dos jovens em relação à sua futura profissão, e à predominância das mulheres nos segmentos iniciais da escolarização, que contam com muitas tarefas voltadas para aspectos relacionados ao cuidado das crianças (LOURO *apud* UNESCO, 2004, p. 45).

Esse discurso de que a profissão docente é um trabalho essencialmente feminino aliado à crença da profissão “vocação” contribuiu para a representação social de gênero que o magistério possui no cinema e na vida real. Bruschini e Amado (1988, p. 7) comentam que

[...] historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado a ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente.

Dessa maneira, a docência passou a ser visualizada pela sociedade como uma profissão/vocação que poderia ser realizada em harmonia com as atividades do lar. Para Novaes (1991, p. 20), o magistério “[...] entendido como um prolongamento das atividades maternas passa a ser visto como ocupação essencialmente feminina e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade para a mulher”. Carvalho (1996, p. 13 *apud* UNESCO, 2004, p. 46) acentua que,

[...] o fato de a maioria dos professores corresponder a mulheres não é só uma questão numérica, mas produz marcas dessa presença feminina na caracterização do grupo de profissionais da escola, nas formas de ensino, nas relações estabelecidas entre os diferentes atores que dão materialidade à escola. Para a autora, as marcas estão relacionadas ao predomínio da emoção e da afetividade na visão do mundo e do trabalho docente, como também a uma postura defensiva e conservadora frente ao novo.

Essas questões foram levantadas, também, pelo teórico Michael Apple, que passou a estudar a feminização do magistério e, a partir de seus estudos, definiu categorias de gênero como conceitos indispensáveis para se compreender o trabalho docente. Para o autor, a feminização do magistério está estritamente relacionada ao que ele denomina de “um processo de trabalho articulado às mudanças, ao longo do tempo, na divisão sexual do trabalho e nas relações patriarcais e de classe” (APPLE, 1988, p. 15).

Esse processo de representação social da profissão com gênero deve ser entendido como uma construção histórica, socialmente produzida e que é constantemente legitimada pela indústria cultural, e o cinema tem um papel primordial nessa arquitetura, criando personagens que correspondem ao modelo do que é ser professor(a), elucidando dessa maneira, a relação social que é produzida e reproduzida em práticas e vivências de exclusão social e desvalorização da carreira docente.

Desvalorização que, na vida real, reflete-se em profissionais que se obrigam a assumir “uma jornada diversificada, ou seja, trabalha, na maioria dos casos, em mais de uma escola; e não consegue, muitas vezes, articular um projeto pedagógico comum e participar de um trabalho coletivo [...]” [e que em muitos casos, sem dúvida pela contribuição das representações sociais que o cinema evoca na coletividade, possuem] “[...] uma formação difusa quanto aos conhecimentos pedagógicos no tratamento dos conteúdos desenvolvidos” (ABDALLA, 2017, p. 133).

(Algumas) Considerações Finais

Ao realizar as análises das representações sociais dos(as) professores(as) no cinema, percebe-se que: a construção identitária profissional do(a) professor(a) está intimamente relacionada com sua prática docente, e que a identidade do magistério no cinema tende a retratar apenas estereótipos, que são facilmente reconhecidos pelo público que o consome.

O magistério assume nas telas do cinema a representação social de uma profissão “quebra galho”. Os professores retratados no cinema, quando são descritos como bons e heróis, são aqueles que, por vezes, demonstram-se como desastrados e rebeldes com as instituições de ensino. Quando representam o papel de vilão, são representados com um personagem sério, metódico e que administra sua profissão com mãos de ferro.

As questões de gênero e sexualidade permeiam todo o pano de fundo dessas representações e não é à toa que, por vezes, os(as) professores(as) no cinema assumem o papel de assexuados, dóceis e infantilizados. Dessa maneira, a profissão professor é sempre colocada na esfera da dúvida pelas representações sociais, sendo uma profissão que exige uma contínua formação/especialização, dado que os(as) professores(as) nunca estariam prontos(as) para suas responsabilidades.

O cinema apresenta o magistério como uma profissão/vocação e os(as) docentes como portadores(as) de uma missão a ser realizada. Os alunos e a sociedade em geral são eximidos de toda e qualquer culpa, pois o fracasso ou a vitória sempre é mérito do(a) professor(a).

Essa imagem de professor proporcionada pelas representações sociais é construída e reconstruída constantemente pela indústria cultural, o que se perpetua em práticas como, por exemplo, as inúmeras utilizações desses filmes/produtos na formação

de novos(as) professores(as), gerando assim uma ideia inconsciente do que é “ser professor(a)”.

Diante disso, percebemos que a indústria cinematográfica aposta nas fórmulas de sucesso já conhecidas pelo público, que raras vezes fogem do padrão normativo estabelecido. Essa repetição adotada facilita a identificação dos personagens, fazendo com que o público se torne um receptáculo acrítico dessas representações.

Filmografia

Ao mestre com carinho. Direção: James Clavell. Gênero: Drama. Inglaterra, 1967.

Escritores da liberdade (Freedom Writers). Direção: Richard La Gravenese. Gênero: Drama. EUA, 2007.

Larry Crownw – O amor está de volta (Larry Crowne). Direção: Tom Hanks. Gênero: Comédia romântica. EUA, 2011.

Meu mestre, minha vida (Lean On Me). Direção: John G. Avildsen. Gênero: Drama. EUA, 1989.

Mr. Holland – Adorável professor (Mr. Holland's Opus). Direção: Stephen Herek. Gênero: Drama. EUA, 1995.

O milagre de Anne Sullivan (The Miracle Worker). Direção: Arthur Penn. Gênero: Drama biográfico. EUA, 1962.

Professora sem classe (Bad Teacher). Direção: Jake Kasdan. Gênero: Comédia. EUA, 2011.

Referências

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. Representações profissionais de professores: tensões e pretensões. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro v. 14, p. 130-160, jan. 2017.

ADORNO, Theodor. Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradutor: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 97-117.

APPLE, Michael. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e da ideologia. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 64, p. 14-23, fev. 1988.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas** – trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, SP: Hucitec, 2004.

BRASIL. **Lei n.º 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha; AMADO, Tina. Estudos sobre a mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 64, p. 4-13, fev. 1998.

BUTLER, Judith. **Uma analítica do poder**: entrevista a Claire Pagès e Mathieu Trachman. *Investigação Filosófica*, v. 5, n. 1, p. 1-12, dez. 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CATANI, Denice Barbara. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, Denice Barbara. et al. (org.) **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CHAVES, Antonio Marcos; SILVA, Priscila de Lima. Representações Sociais. In: TORRES, Ana Raquel Rosas, et al (orgs). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011.

DALTON, Mary. **The Hollywood Curriculum** – teachers in the movies. New York – USA: Peter Lang, 2004.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Portugal: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

JESUS, Adriana Regina de Jesus. **Gênero e docência: infantilização e feminização nas representações dos discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina**. Orientados: Alipio Casali. 287f. Tese (Doutorado em Educação e Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

JODELET, Denise. (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 2. ed. Tradução de Pedrinho A. Guarischi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária**: mestra ou tia. São Paulo: Cortez, 1991.

PADIAL, Monica Nunes. **O professor e sua figura no cinema**: uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos. Orientador: José Geraldo Silveira Bueno. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. São Paulo, 2010.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, Franca, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742005000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago.2017.

PEREIRA, Costa. A análise de dados nas representações sociais. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 49-62, mar. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82311997000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2018.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; VILLAS BÔAS, Lúcia Pintor Santiso; SOUSA, Clarilza Prado de. **Representações sociais**: diálogos com a educação. Curitiba: Champagnat, 2012.

RODRIGUES, Iliete Misturini. **O cinema e a pedagogia do herói**. Cultura escolar, ação docente e cinema. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_iliete_misturini_rodrigues.pdf>. Acesso em: 01 nov 2016.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SANCHES, Márcia Mattos. **A sala de aula em filmes**: um diálogo entre a docência e o ensino educativo. Orientadora: Cleide Rita Silvério de Almeida. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Nove de Julho, São Paulo-SP, 2012.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira da; SANTOS, Claudiene. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 519-544, ago. 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2017000200519&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico**: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

WOODWARD, Ktheryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Submetido em 25/11/2017

Aprovado em 08/03/2019

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)